

## A LISTA

Fazia tempo que ela não passava tamanho vexame!

Pela manhã, enquanto se vestia em seu closet, sentia-se ótima. A nova calça jeans, combinada com a bota de canos longos, dava-lhe um visual super atualizado. Ainda bem que (quase) chegava ao fim a onda de calças de cintura baixa. Esse modelito só servia para evidenciar aquelas gordurinhas que os anos acomodam perto da cintura.

Quanto mais o tempo passava, ela aprendia a valorizar o que é o essencial na vida, mas não se esquecia de misturar isso a um pouquinho do que seria caracterizado como superficial ou secundário, no que se incluía fazer um grande esforço para se manter elegante.

Ter um corpo bastante jovem para alguém que se aproximava do aniversário de 50 anos era algo que lhe fazia muito bem, porque parecia o mais adequado para sua cabeça sempre antenada com o novo. A profissão de jornalista ajudava muito nessa atualização constante. Assim, o passar dos anos não parecia ter o efeito que ela mesma supunha que teria. Sentia-se melhor agora do que aos 25.

Saiu rapidamente de seu apartamento bem localizado no Leblon. Mais uma vez agradeceu, mentalmente, à herança deixada pela avó. Seria impossível com seu salário comprar, hoje, que fosse um apê de quarto e sala naquele bairro, o que diria um maravilhoso de frente para o mar e com 200 metros quadrados.

Enquanto enfrentava o trânsito até a redação do Jornal do Brasil, repassava na memória tudo que teria que fazer naquele dia, como vinha fazendo desde que assumira a editoria do Caderno de Esportes.

Não tinha sido essa a sua perspectiva, quando saíra da Universidade, pois sempre se interessou mais por política e cultura, mas os tempos mudaram, os esportes fazem mais leitores do que qualquer outra seção do jornal e, além disso, foi a única oferta que a direção lhe fizera há cinco anos e ela não hesitou em agarrar com as duas mãos.

De repente, lembrou-se que teria que passar na locadora para devolver a fita do filme "As pontes de Madison". O desejo de rever esse filme, para relembrar a maravilhosa atuação de Meryl Streep, era preocupante: ela estava nostálgica, querendo voltar a 1995, quando o assistira com André em Nova York, ou estaria apenas desejosa de viver um grande e inusitado amor como o da película? Não dava tempo para responder à pergunta, naquele momento, em que estava enlouquecida procurando uma vaga para estacionar.

Desse ponto de vista, o Rio de Janeiro parecia-se com Roma. Seu amigo Alessandro, jornalista do Corriere della Sera, uma vez lhe dissera: "Em Roma, nunca

há vagas para se estacionar. Nós criamos as vagas”. E ela fazia agora o mesmo: acabara de criar uma, estacionando de marcha ré na entrada destinada aos caminhões num grande prédio em construção.

Saía rapidamente do carro e, enquanto fechava a porta, ouviu o familiar assobio “fiu fiu”, acompanhado de “Hum, que gostosa!”, vindo da primeira laje do prédio. Não resistiu e resolveu olhar de soslaio para cima e ver quantos pedreiros a admiravam e foi bem aí que viveu o vexame: “Nossa, a bunda é boa, mas a cara é de velha!”

Era fato, se o corpo estava bem, as marcas do tempo fincaram-se terrivelmente em seu rosto. Ela era capaz de admitir, mas não era fácil ouvir isso dos pedreiros que, provavelmente, moravam na Baixada ou na Rocinha, muito mais próximos de cinquentonas. O batente diário, o desencanto com os amores, a lida doméstica e a falta de dinheiro aproximava-as muito antes da celulite, da flacidez, do desânimo para a vida que logo atravessa a alma e se espelha no rosto.

Era mesmo demais. Ouvir isso era um aviso: ela começava a declinar definitivamente. Era preciso mudar de vida, ajustar-se à sua faixa etária: nada de jornadas até de madrugada no jornal, nada de longas conversas até altas horas, discutindo política, nada de baladas, de algumas muitas doses de whisky, de mini saia com meia preta (nem com meia preta?), de parceiros sexuais mais jovens.

Enquanto pensava rapidamente no que não poderia mais fazer, depois de tamanha, profunda e acachapante revelação – estava ficando velha – era surpreendida pela atendente da locadora que, pela terceira vez, perguntava-lhe: “A senhora vai debitar no cartão ou pagar em dinheiro?”

Um pouco irritada respondeu: “Não sei, não sei, minha filha!”

Irritou-se mais ainda ao se aperceber que chamara a moça de minha filha, deixando patente que havia uma enorme diferença entre elas, como bem lhes fizeram lembrar os pedreiros.

Buscou uma nota de vinte reais na carteira e nem quis esperar o troco. Só pensava em como tirar o carro daquela vaga improvisada e inoportuna, sem ser notada pelos rapazes que mais uma vez lhe humilhariam com sua juventude exposta em seus dorsos nus, enquanto misturavam o cimento para fazer o concreto, numa linda manhã de sol.

Conseguiu passar quase despercebida. Entrou em seu carro rapidinho e saiu queimando os pneus no momento em que cortava um ônibus para retomar a avenida litorânea pegando a pista da esquerda, no sentido centro. Por que, no Rio de Janeiro, os ônibus estão, sempre, fora das faixas preferenciais destinadas a eles? Mais uma pergunta sem resposta.

Dirigia, sem ouvir o que Caetano cantava no seu I-Pod. Só conseguia pensar em como reagir. Relembrava as últimas semanas, os ambientes que frequentara, as roupas que usara e aumentava ainda mais a dúvida se havia feito ou não o papel de ridícula.

Sim, pior do que chegar aos cinqüenta, era ser ridícula. Prometera-se, mil vezes, na juventude, que não seria como sua Tia Cotinha, sempre tão exagerada com seus vestidos decotados, seus tamancos como se fosse desfilir no Salgueiro e seu cabelo acobreado, deixando mostrar que a pintura estava vencida, porque os brancos brotavam bravamente, sem que ela demonstrasse se incomodar com isso.

Em seguida, logo se envergonhou de ser tão preconceituosa, afinal sua Tia Corinha era muito autêntica e fez ela muito bem de se vestir como bem entedia, afrontando seu Tio Francisco tão discreto e sistemático.

Ser ridícula nos dias de hoje seria outra coisa. Não poderia se pautar na opinião que tinha, aos 13 anos, sobre como se comportava sua tia. No entanto, tudo se embaralhava nesse momento e não conseguia se desvencilhar da frase dos pedreiros, nem a admitindo, nem a refutando, tampouco a esquecendo.

O que seria mesmo ser ridícula nos dias de hoje?

No meio desses devaneios que misturavam as imagens do passado, às figuras loucas da família de sua mãe, procurava encontrar o equilíbrio, que sempre encontrara com os Tavares da família paterna. Queria achar um jeito de enfrentar a velhice. Ai que horror! Por que estava admitindo tão facilmente que a idade chegara? Acho que estava se deixando influenciar pela tirinha da Maitena, que pontificou: "Hoje, o que está na moda, de fato, é ser jovem".

Acabou se lembrando de seu aniversário de 40 anos, há quase dez anos.

Sentira-se linda, com suas pantalonas de seda negra, seu bustiê de lamê e sandálias de salto altíssimas, preparada para festejar seu aniversário numa *boite*. Saíra do apartamento de mãos dadas com André, vislumbrando toda adolescência que a noite prometia. No carro, já começaram as brincadeiras sexuais e a noite, com gente bonita, inteligente e alegre, foi ótima.

Naquele dia, relembando os votos da juventude, feitos silenciosamente durante as festas de família, enquanto observava Tia Cotinha, jurara a si que, quando chegasse a uma idade mais avançada, iria mudar de vida. No começo da noite, antes de se preparar para ir à *boite*, fizera uma lista com 'n' opções. Elas faziam parte de seu Plano B, aquele a ser acionado, quando chegasse a hora.

Enquanto acelerava, para atender a buzina do carro detrás que lhe advertia que o sinal abriu, entrou em pânico, porque não conseguia se lembrar onde havia enfiado essa lista. Desde que mudara do pequeno apartamento em que vivera com André, em Copacabana, não conseguira colocar tudo em ordem. Já haviam se passado três anos e, se não arrumava tempo para isso, era sinal de que as feridas ainda estavam expostas, razão pela qual sempre adiava a tarefa de abrir as caixas de papelão, ainda lacradas como no dia da mudança, empilhadinhas, entulhando o armário da área de serviço.

Estava decidida. Quando chegasse em seu apartamento à noite, antes mesmo do seu whisky com gelo, começaria a abrir as caixas e não desistiria até achar

a lista. Lembrava-se bem que havia guardado a folha dobrada em dois, num bonito envelope vermelho.

Ah, adorava o vermelho. Uma cinquentona, nos dias de hoje, ainda bem, podia perfeitamente vestir-se de vermelho, bastava não exagerar no pouco comprimento da roupa e no tamanho dos brincos.

Pronto, chegara à redação, após estacionar seu carro como sempre a 100 metros da Avenida Rio Branco. Subia pelo elevador, cumprimentando a todos, como diariamente, embora o seu sorriso não se parecesse em nada com o modo descontraído como sempre se comportava.

O ascensorista, um sessentão, que morava no Méier e só falava por meio de gírias, aparentando uma intimidade que nem sempre era adequada, logo perguntou:

“E aí, gatona? Estaisssss com a fachada de quem dormiu mal”, exagerando nos “esses” como todos os cariocas dos subúrbios.

O ‘gatona’ pareceu-lhe interessante naquela manhã, mas o efeito foi pequeno, já que a mesma frase abusada denotava que seu rosto estava refletindo seu péssimo começo de dia.

Desceu do elevador no quinto andar e logo vislumbrou a redação começando o seu dia. Muita gente ao telefone, os fotógrafos preparando-se para sair em campo, o pessoal tratando de estabelecer a pauta, que seria a primeira coisa a passar pelos seus olhos para que os sim e os não fossem dados.

Achava sempre cansativo explicar, aos principiantes, porque tal ou qual assunto não teria futuro e porque este ou aquele prometia muito. Hoje, então, dar-se-ia o direito de não explicar nada, mas apenas de passar o lápis vermelho.

Ainda usava esse equipamento tão insólito – o lápis vermelho de ponta grossa – como Samuel usava na redação da Última Hora, há algumas décadas. Adorava todas as novas tecnologias, até exagerava atrás de todo tipo de inovação, como uma estratégia de rejuvenescer ao invés de envelhecer, mas mantinha-se fiel ao lápis vermelho, quando se tratava de tomar decisões. Todos sabiam que Ok, significava ponto incluso na pauta do jornal e que o risco na diagonal, exageradamente traçado de ponta a ponta da folha A4, era sinal de que: “Essa ideia não vale nada”.

Temiam, quando ela pegava o lápis vermelho. Tinha fama de durona. Esse é um tipo de fama que as mulheres decididas e empreendedoras logo ganham, já que esse perfil é culturalmente destinado aos homens. Houve um tempo em que se esforçava para mostrar que era mais maleável que outros editores do jornal, mas era inútil, o machismo está na sociedade e, por isso, ele é masculino e feminino ao mesmo tempo. Não conseguiria convencer nem mesmo as jovens jornalistas que esse estereótipo não deveria ser reforçado.

Chegou à sua sala envidraçada, depois de cruzar pelas mesas da redação, separadas por meios lambris envidraçados e ficou se perguntando se olhariam mais para seu rosto ou para sua bunda.

Sentou-se em sua mesa, já cansada, afinal os 12 metros que atravessara, pareceram-lhe 12 km, já que se atordoava com o turbilhão de sentimentos e medos que passara a sentir desde que aqueles pedreiros resolveram lhe acometer com a verdade, a pura verdade: chegara àquela idade indesejável a todas as mulheres.

Passou o dia distraída. Não conseguia se concentrar no trabalho, consultar os *sites* com as notícias nacionais e internacionais, ler com astúcia as matérias para selecionar as melhores, vigiar pelo vidro que os separava, todos aqueles que partilhavam o espaço da redação.

Os dias que antecedem a Copa do Mundo são sempre cheios de trabalho, desde o tempo em que era repórter. A TV Globo enviara 200 jornalistas para a África do Sul, entraria no ar quantas vezes quisesse para falar de tudo, até da janela do apartamento do Kaká, se ela ficasse entreaberta no começo de uma tarde. A UOL estava alimentando seu *site* a cada 30 minutos. O que eles conseguiriam trazer de bom no dia seguinte, quando o jornal chegasse aos assinantes e às bancas? Muito pouco, se não pudesse se dedicar a textos mais analíticos e mais sucintos ao mesmo tempo, já que ninguém mais dedica uma boa parte do dia à leitura de jornais. Não é à toda que já havia sido anunciada pela direção do Jornal do Brasil, o fim, em breve, da edição impressa.

Para escrever um bom editorial, precisaria ter, ao menos, uma hora de paz, sem pensar se estava ou não velha ou se perguntar onde estava a lista. Essa seleção do Dunga, por cima de tudo, era muito difícil de ser analisada, Ela não empolgava, mas criticar demais era um perigo, nesses tempos em que ousar menos e ficar na retranca, podia significar ganhar a Copa. Teve saudades do tempo em que o futebol era jogado com alegria e ficou pensando se o Brasil teria alguma chance com essa seleção tão comportadinha. Apesar o seu jeito louco, Maradona prometia mais, com seu estímulo todo emocional para os jogadores da Argentina dessem o melhor. Evidentemente, que essa sua avaliação não poderia ser colocada claramente no jornal, a menos que quisesse ganhar a antipatia dos leitores.

Passou o dia assim: entre as obrigações de uma boa jornalista em exercício e os pensamentos de uma mulher sobre seu envelhecimento. Tomou mais café do que nunca, fumou um maço e meio de cigarros, no lugar de um, preferiu pedir um sanduíche ao invés de enfrentar a saudável salada com peito de frango que se obrigava na hora do almoço, quando ia até a Confeitaria Colombo, para ter direito à ingestão de algumas calorias a mais à noite.

Olhou no relógio dezenas de vezes, para a tela do computador mais um tanto, esperando a entrada da mensagem que anunciaria a primeira prova do Caderno de Esportes para que pudesse fazer a leitura, aprovar os textos, enviar para a edição e, finalmente, ganhar o mundo da rua.

Eram quase 20 horas, quando pegou o elevador. Na rua, a chuva lhe atrapalhava a chegar ao estacionamento e tornava o trânsito até o Leblon insuportável. Tudo isso, já se reunia em sua mente como argumentos para não cumprir o prometido: se estava cansada da longa jornada, se o trânsito a estressava, se a chuva acentuava o ar de abandono que a cidade ganhara desde que o atual prefeito assumira seu cargo, tudo isso era razão para tomar seu whisky antes de abrir as caixas à procura da lista.

Encontrá-la assumia agora uma importância que era absurda. Já pensava nela não apenas como uma lista, mas como a Lista, assim com maiúscula, como as madres francesas lhe ensinaram, na escola primária, a escrever Ele quando se referisse a Deus.

Ainda estava em Botafogo e as notícias que chegavam pela rádio AM não eram as melhores. A chuva se tornava mais densa, já havia sinais de que o alagamento seria iminente. Nas favelas do Complexo da Maré já havia desabrigados, porque a água inundava os barracos.

Procurou, na memória, o que teria registrado na lista e se lembrava de muito pouca coisa – fazer natação, escrever um livro, viajar mais – e nada lhe parecia suficiente para amenizar a cruel verdade anunciada a ela no começo do dia. Pensou o quanto seria bom ter seu “*on de rocks*”, ali mesmo ao lado, como os *superstars* em suas *limousines* em Nova York.

O noticiário agora anunciava as estratégias de Dunga. Não podia desligar, porque, por força de ofício, esse seria o foco de seu trabalho no dia seguinte. Já eram 21h30 e, ainda, estava trabalhando para o jornal, porque ficara obrigada a ouvir a rádio, no meio do trânsito parado.

Finalmente, às 23h chegou em casa, exausta, mais do que convencida que tinha direito a um bom banho, seu *drink*, creme pelo corpo e todas as outras pequenas compensações que uma mulher sozinha (por enquanto) poderia se dar.

Foi até a área de serviço, colocar as sandálias para secar e a toalha de banho no varal. Olhou de soslaio para a pilha de caixas que teria que enfrentar se quisesse encontrar seu envelope vermelho com a lista. Desanimou completamente.

Ligou a TV para se dar ao direito de ficar diante dela com os pés acomodados sobre as gostosas almofadas de seda que comprara em Marrakesh. Assustou-se com o noticiário sobre as consequências da chuva, que pipocavam por toda cidade.

Fazia apenas duas semanas que a reunião da ONU para discutir as condições de *habitat* no mundo se realizara no Rio e, agora, tudo parecia acontecer para comprovar as teses centrais desse mega evento: não se pode mais produzir e ocupar o espaço como estamos fazendo.

Prestava muita atenção nas imagens de gente de toda idade nos pontos de ônibus, convencendo-se que nem eles não teriam condução para voltar e, se

tivessem, tampouco teriam condições de atravessar as áreas alagadas que os separava de casa.

Punha-se a imaginar quem eram as mulheres cujos rostos apareciam nas imagens da TV que se sucediam, à medida que zapeava, comparando os noticiários das diferentes redes. Onde moravam? Teriam asfalto em frente de casa? Quem as esperaria?

Lembrou-se, com tristeza, que se não tivesse conseguido vir do jornal até o seu apartamento, ninguém teria se apercebido imediatamente. Sua mãe reunia os amigos, todos os dias, para um pôquer desde às 19h e o vício a fazia esquecer do mundo. Seu irmão pouco telefonava a ela, desde que havia sido sincera demais, no último encontro de Natal, insinuando que sua cunhada era folgada e nunca providenciava nada. André, talvez, ainda tivesse vontade de saber dela, mas a separação fora insólita e entremeada por tantos silêncios entre eles, que a iniciativa da comunicação poderia soar importuna.

Tudo, então, tornou-se bastante secundário. Não havia espaço para qualquer dor, porque as rugas no rosto demonstravam mais a sua idade do que as formas do corpo. O seu vexame da manhã não era nada, diante daqueles que permaneciam na rua na cidade alagada. Não era mais preciso encontrar a lista elaborada no dia do aniversário de 40 anos.

Havia outra lista a ser seguida e ela só tinha dois pontos.

O presente se lhe impunha com urgência: escreveria o melhor editorial que pudesse para mostrar que, no país do futebol em preparação para a Copa, outras coisas aconteciam, com a cidade sob as águas; depois disso, telefonaria para o André e lhe convidaria para esperar por ela em casa, sem perguntas, sem precisar rediscutir a relação, sem precisar dizer por quanto tempo, horas, dias ou semanas ainda poderiam se encontrar para se sentirem sem precisar de mais nada.

Passaria a noite e o dia seguinte torcendo para que os dois pontos de sua lista fossem ticados com o lápis vermelho. Adiante, se fosse o caso, outras listas viriam.

Carminha Beltrão

Presidente Prudente e Atibaia, junho de 2010.